
AS REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM CONTOS DE JOSEFINA PLÁ

LA REPRESENTACIÓN DEL FEMENINO EN LOS CUENTOS DE JOSEFINA PLÁ

Betania Vasconcelos da Cruz Fraga⁴¹

Altamir Botoso⁴²

RESUMO: Neste artigo, pesquisamos a representação do feminino em contos de Josefina Plá, que se encontram no livro *Cuentos Completos I e II* (2014). Visamos assinalar um percurso iniciado com uma síntese do contexto histórico vivido pelas escritoras dos séculos XIX e XX, e continuado por Josefina Plá e a representação do feminino dentro de sua ficção, enfatizando aspectos tais como a marginalização da mulher mestiça, indígena e negra e a luta dessas mulheres pela sobrevivência. A autora evidencia também a mulher indígena como objeto de exploração. Como base teórica para a pesquisa, parte-se do livro *Escritoras de nuestra America*, de Eliane Ortega (2001) e os estudos de Suely Mendonça (2011) e Terry Eagleton (2011). Em síntese, podemos observar os desafios que sofreram as escritoras latino-americanas dos séculos XIX e XX, para dar vozes às mulheres silenciadas dentro de uma sociedade patriarcal e conservadora. Percebemos que quem contrariava o sistema dogmático da época era visto como uma ameaça, porém muitas mulheres tiveram a ousadia de enfrentar e superar desafios, assumindo com paixão suas próprias convicções.

PALAVRAS-CHAVE: Representações do feminino, Josefina Plá, mulheres marginalizadas, conto, literatura paraguaia.

RESUMEN: El objetivo de este trabajo es realizar una investigación desde una perspectiva de la representación del femenino en cuentos de Josefina Plá, que se encuentran en el libro *Cuentos Completos I y II* (2014). Visamos enseñar un trayecto empezando con un acortamiento del entorno histórico vivido por las escritoras latinoamericanas de los siglos XIX y XX, y continuado por Josefina Plá y la representación del femenino en su ficción, enfatizando aspectos tales como la marginación de la mujer mestiza, indígena y negra y la lucha de esas mujeres por la supervivencia. La autora presenta también la mujer indígena como objeto de explotación. La base teórica para la investigación parte del libro *Escritoras de nuestra América*, de Eliane Ortega (2001) y los estudios de Suely Mendonça (2011) y Terry Eagleton (2011). En síntesis, podemos observar los desafíos que sufrieron las escritoras latinoamericanas de los siglos XIX y XX, para dar voces a las mujeres silenciadas dentro de una sociedad patriarcal y conservadora. Se percibió que quien contrariaba el sistema dogmático de la época era visto como una amenaza, pero muchas mujeres tuvieron la osadía de enfrentar y superar desafíos, asumiendo con pasión sus propias convicciones.

PALABRAS CLAVE: Representaciones del femenino; Josefina Plá; marginación de la mujer; cuento; literatura paraguaya.

⁴¹ Mestranda em Letras na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

⁴² Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Assis; Professor da Universidade Estadual em Mato Grosso do Sul.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No século XIX, a escrita ainda era um desafio para escritoras femininas na América-Latina, porque a imposição patriarcal do silêncio era forte, suas vozes eram silenciadas e sua presença opaca. Dentro desse contexto, no século XX, a escrita foi usada como arma para combater o pensamento fundamentalista da época. Apesar desse panorama desfavorável, vozes como a de Josefina Plá, legitimada como uma das precursoras da literatura paraguaia, utilizou-se da escrita e dos meios de comunicação para sensibilizar e conscientizar seus leitores sobre a cultura e diversidade paraguaia. O narrador de Plá retrata o sistema patriarcal dos colonizadores: a domesticidade indígena, a mulher indígena como objeto de exploração, a marginalização da mulher mestiça, indígena e negra, a luta dessas mulheres pela sobrevivência, e a solidão que enfrentavam. Sua criação e, em particular, suas personagens, comunicam e transmitem a impressão da mais autêntica verdade existencial, criando o efeito de verossimilhança. Nesse sentido, segundo Antonio Candido, a personagem vive o enredo e as ideias de seu criador e são essas ideias que as tornam vivas, estabelecendo um diálogo entre narrador e leitor.

No século XIX, o acesso à educação para as mulheres na América Latina ainda era reservado apenas para classes altas e médias, e uma das ferramentas encontradas para a libertação das mulheres veio através da escrita. Contrariando o sistema dogmático da época, a educação era vista como uma ameaça. As estudiosas se reuniam e faziam reuniões privadas para discutir literatura e essa foi uma das alternativas encontradas pela elite feminina ávida de expressar suas ideias. O sistema autoritário da época tentava de todas as formas silenciá-las, porém, já existiam mulheres dispostas a desafiar o totalitarismo implantado. Masiello (1994 apud ORTEGA, 2001, p. 37) afirma que

Los diarios femeninos del siglo XIX abren un vasto panorama de ideas sobre la participacion de la mujer en la vida cultural y cívica. Al contrario de la opinión crítica, que insiste en el papel de la mujer como cómplice o ayudante del hombre, la rica tradición periodística revela otra versión de la historia, en la cual la mujer pelea por sus derechos y toma la iniciativa en los campos de la política y la cultura.

Dentro desse contexto, as famílias da época consideravam que a melhor virtude de uma mulher era ser neutra em política e demais questões, porque sua família e seus deveres domésticos eram suas primeiras obrigações. Mas, enfrentando o pensamento antidemocrático, mulheres revolucionárias, mesmo sofrendo perseguições difundiam suas ideias. Os jornais constituíram a primeira expressão literária das mulheres do século XIX. A difusão das palavras

impressas como espaço de discussão, debate e encontro, adquiriu no século XIX uma enorme importância. Os jornais frente às forças repressivas promoveram críticas e debates penetrando no espaço do poder e disseminando sua transformação. As brilhantes jornalistas eram mulheres da elite econômica e política proveniente de classe média com aspirações profissionais que viam na escrita a libertação e o reconhecimento de si mesmas. Estas mulheres estabeleciam diálogos entre elas e buscavam sair do círculo doméstico, empenhadas em discutir literatura, economia, política e educação feminina. Para essa época, uma mulher pensadora era um escândalo.

María Josefina Plá nasceu em Fuerteventura, Canarias, Espanha, em 1909 e faleceu em Assunção, Paraguai, em 1999. Foi escritora e artista paraguaia de origem espanhola, considerada uma das principais representantes da geração de 40 e uma das precursoras do feminismo no Paraguai. Sua personalidade inovadora trouxe modernidade à arte e à literatura do século XX e guiou várias gerações de escritores e artistas, sendo considerada uma das vozes mais importantes da literatura contemporânea da língua espanhola.

A referida escritora foi uma das pioneiras da ficção e da crítica social no Paraguai, sensibilizou-se com a situação das mulheres menos protegidas e deserdadas. Em seus contos, ela denunciou o descaso da sociedade e da família em relação às mulheres pobres, mestiças, negras e índias. Em momento de muitos questionamentos a respeito do ser humano, do mundo e da literatura, Josefina Plá escolheu a cidade de Assunção para viver, constituir família e criar um trabalho memorável, seja na ficção, nas artes plásticas ou no teatro. Considerada uma artista completa, ela refletiu e escreveu sobre o papel da mulher paraguaia índia, mestiça e negra.

O nosso propósito, neste estudo, é realizar uma análise de alguns textos do livro *Cuentos Completos I e II* (2014), nos quais observamos como se dá a exploração da mulher paraguaia indígena e mestiça num universo patriarcal, no qual o homem objetifica a mulher, aproveitando-se de sua força de trabalho e explorando-a sexualmente, mantendo-a marginalizada e sem voz atuante, calando-a e silenciando-a por meio da violência. Inicialmente, tecemos alguns comentários sobre forma e conteúdo, posteriormente, sobre a representação feminina, uma vez que grande parte da produção ficcional de Josefina Plá põe em relevo a mulher e seus dilemas, e em seguida, observamos alguns aspectos a respeito da representação feminina em contexto patriarcal em seus contos.

FORMA E CONTEÚDO

De acordo com Terry Eagleton (2006, p.13), “podemos definir a literatura como a escrita "imaginativa", no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede”. Ainda de acordo com Eagleton(2011), em sua obra concisa e criteriosa *Marxismo e crítica literária*, o autor faz um breve estudo sobre os críticos marxistas, refletindo sobre forma e conteúdo e, dentro desse contexto, podemos refletir os contos escritos por Josefina Plá no século XX. Notamos que a obra de Plá é feita de palavras e palavras são significantes, cheias de conteúdo próprio. Em relação ao estudo de Eagleton mencionado, destaca-se a noção de forma e o conteúdo na crítica marxista. Entre os críticos que trataram desse assunto, ressaltamos que não há posicionamentos precisos e inflexíveis, mas opiniões divergentes, no entanto, consideramos que as ponderações do teórico britânico ajustam-se aos propósitos da análise que se realiza nesse trabalho.

Diante disso, atentamos que Plá, por meio de seus contos, desenvolveu sua própria técnica de forma e de conteúdo. Escolhendo a mulher paraguaia como objeto de trabalho, a forma da mulher escolhida pela autora é diferente da mulher apresentada no romantismo. Nota-se que a escritora estava engajada em uma causa que, para os marxistas, é a “consciência social” (política, religiosa, ética, estética e assim por diante). O crítico marxista russo Georgi Plekhanov pontua que entender a literatura significa, então, entender todo o processo social do qual ela faz parte. Esse mesmo estudioso afirma que

[...] a mentalidade social de uma época é condicionada pelas relações sociais dessa época. Não há outro lugar em que isso fica mais evidente do que na história da arte e da literatura. As obras literárias não são misteriosamente inspiradas, nem explicáveis simplesmente em termos da psicologia dos autores. Elas são formas de percepção, formas específicas de se ver o mundo; e como tais, elas devem ter uma relação com a maneira dominante de se ver o mundo, a “mentalidade social” ou ideologia de uma época. (PLEKHANOV apud EAGLETON, 2006, p.19)

Dessa forma, compreende-se que a literatura pode ser utilizada para dar visibilidade a vários questionamentos sobre o homem e sua época. Nas suas diferentes manifestações, a arte representa a realidade, retrata a diversidade e Josefina Plá tinha como propósito compreender e analisar a mulher dentro da sociedade paraguaia e sua diversidade cultural.

A propósito do conteúdo das obras literárias, Eagleton (2006, p. 50) faz a seguinte advertência:

[...] dada essa visão tão limitada da relação entre forma e conteúdo, não surpreende constatar que os críticos marxistas ingleses da década de 1930 com frequência cometiam o erro do “marxismo vulgar” de pilhar as obras literárias em busca de seu conteúdo ideológico, relacionando-o diretamente à luta de classes ou à economia. Era contra esse perigo que o comentário de Lukács tinha o objetivo de nos advertir: os verdadeiros condutores da ideologia na arte são as formas da própria obra, não o conteúdo que delas podemos abstrair. Encontramos a marca da história na obra literária precisamente como literária, não como qualquer forma superior de documentação social.

Percebe-se que os críticos marxistas desencadearam ampla discussão sobre forma e conteúdo, porém a literatura, segundo Trotski, possui um alto grau de autonomia; ela evolui em parte de acordo com suas próprias pressões internas, sem se curvar diante de todo vento ideológico que sopra. Goldman pontua que quanto mais o texto se aproxima de uma elaboração completa e coerente da “visão de mundo” da classe social, maior é a sua validade como obra de arte. Sob esse viés, Eagleton (2011, p. 63-64) enfatiza que para Goldman

as obras literárias não devem ser vistas, em primeiro lugar, como a criação de indivíduos, mas sim daquilo que ele chama de “estruturas mentais transindividuais” de um grupo social – ou seja, a estrutura de ideias, valores e aspirações que esse grupo compartilha. Os grandes escritores são aqueles indivíduos excepcionais que conseguem transpor para a arte a visão de mundo da classe ou do grupo a que pertencem, e que fazem isso de uma forma peculiarmente unificada e transparente (mesmo que não necessariamente consciente).

Dentro desse mesmo contexto, os contos de Josefina Plá mostram, por intermédio da mediação de sua visão da mulher paraguaia índia, mestiça e negra, uma correlação estreita entre visão de mundo e consciência de que o texto literário também pode denunciar a realidade social na qual seu autor está inserido. Segundo Walter Benjamin e Bertolt Brecht (apud Eagleton 2011, p.109), a arte é, em primeiro lugar, uma prática social e não um objeto a ser dissecado academicamente. Eles afirmam que podemos enxergar a literatura não só como um texto, mas também como uma atividade social, uma forma de produção social e econômica que existe ao lado de outras formas semelhantes e que se inter-relaciona com elas.

A REPRESENTAÇÃO REALISTA DO FEMININO

Nesse sentido, percebe-se que Josefina Plá deu visibilidade às mulheres através das personagens de seus livros. Dessa maneira, a autora destaca de forma singular o retrato realista

da sociedade do período por meio de algumas personagens conforme apontamos a seguir. No conto “Sise” (1953), a protagonista é uma menina índia, órfã, pobre, explorada e marginalizada pela sociedade; no conto “Maína” (1981), Maristela é camponesa, rebelde e prostituta; já no conto “La vitrola” (1953), Delpilar é pobre e abandonada por todos; em “La jornada de pachichi” (1957), Maia é uma adolescente órfã e mãe solteira; em “Cayetana” (1948), a personagem central sofre com a exploração e o abandono. Assim sendo, a autora, de forma aguçada, por meio de seus contos, evidencia a representação realista do feminino em contexto paraguaio, sob uma perspectiva ideológica e com um estilo realista, denunciando a indiferença e humilhação pela qual passava aquelas que eram menos amparadas e acabam excluídas e marginalizadas. Observa-se que o olhar da escritora voltou-se para mulheres mestiças paraguaias das classes pobres com similaridades entre si, sobretudo no que tange à exploração de seus corpos como força de trabalho e prazer sexual do outro. A esse respeito, em sua tese de doutorado, Suely Mendonça (2011, p.7) tece o seguinte comentário:

Plá apresenta como denominador comum as mulheres pobres vivendo papéis diversos e importantes na formação do processo identitário cultural paraguaio, principalmente as mulheres guaranis e mestiças. Observamos ainda a representação de uma mulher diferente daquela abordada com exclusividade pela historiografia local como heroína ou musa, uma vez que a mulher paraguaia, assim como as mulheres representadas pela escola romântica, sempre foi idealizada e mascarada pela imagem da mulher submissa e fiel, seja ao homem, à Igreja e à sociedade.

Do mesmo modo, era essa idealização da mulher apresentada na ficção, que as famílias e o Estado pregavam como o modelo ideal de mulher - omissa e passiva -, alheia à política, economia e demais ciências, um enfeite que se podia exibir na sala e que, algumas vezes, até aprendia a tocar piano para entreter os convidados do marido. Em pior situação encontravam-se as mulheres mais pobres, exploradas como empregadas e que, frequentemente, eram obrigadas a se sujeitar ao abuso sexual dos patrões, tendo que se manter caladas e submissas.

Plá e várias outras escritoras latino-americanas retrataram em suas obras mulheres ativas, exploradas por um sistema castrador do direito da mulher. Dessa maneira, tais escritoras procurar retratar em seus escritos os dramas e conflitos de de mulheres índias, negras, mestiças e suas diversidades culturais. Pierre Vilar (apud GUARDIA, 2017, p.1) pontua que, em relação aos escritos de autoria feminina, o que importa

no es “hacer revivir el pasado”, sino comprenderlo, lo que significa describirla a partir de la revisión de conceptos y métodos existentes para reemplazarlos por una nueva manera femenina de abordar el pensamiento crítico, con una orientación que permita conocer y comprender ese otro lado de la historia surgido desde la otra orilla.

E foi através do olhar de mulheres como Josefina Plá que a sociedade pôde compreender e conhecer o outro lado da história, um novo estilo feminino de expor o pensamento crítico e realista da cultura e da diversidade. A representação da pluralidade feminina, escrita por mulheres que estavam ausentes no cânone quase exclusivamente masculino. Dentro desse processo, Sara Guardia (2017) tece as seguintes ponderações sobre

[...] los momentos constitutivos de la literatura escrita por mujeres: la literatura fundacional; rompiendo el silencio en el siglo XIX; La vanguardia literaria y artística de la década del veinte; El comienzo de un largo camino. Escritoras de los años cincuenta y sesenta; La liberación a través de la palabra; y Reto al futuro sobre la producción literaria del siglo XX. A lo largo de esta escritura encontraremos ejes temáticos que aparecen de manera permanente en novelas, cuentos y poesía, que podríamos sintetizar en un solo afán, la búsqueda de una voz propia.

Esse novo pensamento crítico questionava, através da literatura, valores e normas impostas pela família, igreja e Estado. Essa gama de escritoras em toda América Latina tinha anseios e se manifestava em diversos eixos temáticos a serem discutidos e divulgados. Rompendo o silêncio de décadas, isso significava uma profunda mudança de pensamentos e preocupação a respeito da educação voltada às mulheres. Conforme afirma Terry Eagleton (2006, p.17),

"Valor" é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos. Assim, é possível que, ocorrendo uma transformação bastante profunda em nossa história, possamos no futuro produzir uma sociedade incapaz de atribuir qualquer valor a Shakespeare.

Desse modo, atribuição de valor é fundamental para o terreno da literatura. E para os estudantes de literatura, o valor de escritoras como Plá é imensurável, já que em suas obras, essas escritoras construíram um feminino diferente de acordo com seus interesses e preocupações. Para essas mulheres, a literatura não era algo utópico, era uma forma de conhecer a realidade. O valor dessas escritoras e de suas escritas transformou o rumo da história feminina

na América-Latina, embora para muitos a condição social em que se encontravam as mulheres fosse irrelevante.

CRÍTICA AO PATRIARCADO

Em um mundo no qual a escrita era território masculino, evitava-se o termo patriarcado. Hoje, esse é um dos temas que vem causando grande discussões na literatura de autoria feminina e desencadeando amplas reflexões em diversas áreas. Sob esse aspecto, na América latina, o modelo deixado pela colonização foi o patriarcado e a idealização da mulher apresentada nos relatos ficcionais não correspondia à realidade existente aqui. E foi justamente esse modelo ideológico irreal da mulher paraguaia que aguçou em Josefina Plá o desejo de exprimir e narrar um sistema que marginalizava suas mulheres, possibilitando a seus leitores uma reflexão a respeito da mulher como sujeito atuante e pensante dentro da sociedade. Da mesma forma, por intermédio de uma visão crítica, a representação da figura feminina é concebida de forma singular e realista. A autora destaca de forma particular o feminino dentro do contexto patriarcal. Para exemplificar o pensamento crítico de Plá, destacamos o conto “Sesenta Listas” (1953), que tem a figura masculina como personagem central. O enredo trata de Agamenón, um estudante, que conhece Clitenestra, uma camponesa analfabeta.

Agamenón sai com várias mulheres, as quais vêm a ter várias filhas, somente com Clitenestra, é que lhe dá um filho varão. A autora destaca de forma extraordinária. através da ficção, uma sociedade que enxerga a mulher como culpada e pecadora, isentando o homem de toda e qualquer responsabilidade, crítica também a ausência masculina na criação dos filhos e a falta de comprometimento paterno em relação aos filhos que gerou. Dessa forma, o referido conto deixa visível como se estruturava a sociedade paraguaia e seus valores.

No território da ficção, de acordo com Candido (2014, p. 53-54), o enredo existe através das personagens; as personagens vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. Sob esse viés, dentro da própria construção artística de Josefina Plá, os aspectos sociais são evidentes tais como o feminino dentro do contexto patriarcal e, nessa perspectiva, a autora demonstra seu papel de reveladora do universo social, provocando em seu leitor uma profunda reflexão a respeito do machismo.

Já no conto “*Curuzú la novia*” (1958), ocorre a presença de violência de gênero por meio do drama vivenciado pelos noivos Perú e Silveria. Em síntese, Perú era namorado de

Silveria desde que ela era uma menina. Alguns dias antes do casamento, Silveria descobre que sua melhor amiga, Eduvigis, estava grávida de Perú. Silveria rompe com o noivo, e ele fica enfurecido. Não satisfeito com o rompimento, ele começa a perseguir a ex-noiva, acreditando que ela tinha outro em sua vida. Depois de alguns meses, chega à cidade Antonio, o qual Perú pensa ser o novo namorado de Silveria. Perú, dominado por sua fúria, comete uma atrocidade, matando a ex-noiva, pois ele se sentia dono de Silveria. De maneira ímpar, Plá retrata a construção social do gênero masculino dentro do contexto patriarcal, segundo a qual a violência de gênero é naturalizada.

A respeito do patriarcado, Saffioti (2015, p. 48) faz o seguinte comentário:

[...] de fato como os demais fenômenos sociais, também o patriarcado está em permanente transformação. Se, na Roma antiga, o patriarcado detinha o poder de vida e morte sobre sua esposa e seus filhos, hoje tal poder não mais existe, no plano de *jure* [é uma expressão latina que significa "pela lei", "pelo direito", em contraste com de facto, que significa justamente "de facto", ou seja, algo praticado]. Entretanto, homens continuam matando suas parceiras, às vezes com requinte de crueldade, esartejando-as, ateando-lhes fogo, nelas atirando e as deixando tetraplégicas etc.

Este é um dos conceitos que vem despertando amplo debate na produção literária de autoria feminina, que expressa sua arte de forma plena e sem temor, expondo o patriarcado e seus comportamentos atroz, que são formas da reprodução de masculinidade em contextos patriarcais. Trata-se, portanto de um fenômeno social que está em permanente transformação e que deve ser abordado e discutido para ser superado. Observamos que esse era um dos temas debatidos entre as escritoras do século passado, porém não deixa de ser um assunto bastante atual. Percebemos também que a literatura foi usada como ferramenta de formação de valores da sociedade, na qual o discurso de superioridade masculina era dominante e, para inúmeras escritoras como Josefina Plá, escrever sobre temas tão sensíveis e conflitantes era um grande desafio.

Diante disso, compreende-se que a literatura é a expressão de sentimentos de uma época e continua sendo o único lugar onde se pode ser livre, um espaço cheio de símbolos e memórias, no qual os narradores podem contar e recontar histórias com personagens diferentes, símbolos distintos e cenários espetaculares. Suas histórias nos levam a diferentes lares, culturas e circunstâncias diversas. Essas mulheres sentiam a necessidade de denunciar a diferença e marginalização do mundo feminino, convidando os leitores a conhecer a diversidade latino-americana no tocante à realidade da mulher e também das minorias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como negar que, desde o descobrimento da América Latina, a escrita era território dos homens, porém, algumas mulheres tiveram a ousadia de enfrentar e superar desafios. Elas assumiram com paixão suas próprias convicções, reuniram forças e foram as protagonistas de suas histórias e, com uma visão de mundo diferente, viam na literatura e demais artes, sua própria maneira de interpretar o mundo, a cultura e sua gente.

Mulheres como Josefina Plá trouxeram para a literatura, valores, audácia e sagacidade. Deram vozes às mulheres invisíveis tais como índias, mestiças e negras. Nesse sentido, conforme o que disse Edgar Allan Poe, nota-se que Josefina Plá, concebeu seus contos passo a passo. Trabalhou a extensão para se atingir a unidade de efeito.

Em sua grande maioria, suas personagens são mulheres, que são exploradas seja na esfera do trabalho, seja na esfera sexual, conforme assinalamos ao longo desse estudo. O tom é sempre de tristeza, pois seus escritos retratam a realidade dessas mulheres com uma linguagem simples e direta, mergulhando o leitor nos dramas e dilemas femininos que abrangem a contística dessa escritora paraguaia e que denunciaram as mazelas e a opressão do universo masculino, subjugando e marginalizando os mais fracos, como é o caso das mulheres e de minorias como os índios, os negros, os gays etc.

Desse modo, tanto Josefina Plá quanto escritoras como Virginia Woolf (1882-1941), Emily Brontë (1818-1848), Nísia Floresta (1810-1885), Emilia Pardo Bazán (1851-1921), Martha Mercader (1926-2010), Lygia Fagundes Telles (1923-), Clarice Lispector (1910-1977) abriram espaço para uma nova visão de mundo sob a perspectiva feminina.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. 13.ed. São Paulo. Perspectiva. 2014.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: Editora da Unesp, 2011.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura uma introdução*. 6.ed. São Paulo. Martins Fontes. 2006.

GUARDIA, Sara Beatriz . *Literatura y Escritura femenina en América Latina*. Disponível em:

<

http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/conferencias/SARA_ORIGINAL.pdf>

Acesso em: 14 set. 2017.

MENDONÇA, Suely Aparecida de Souza. *A representação da mulher paraguaia em contos de Josefina Plá*. Tese de Doutorado. Universidade estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Assis-SP, 2011. Disponível em:

<<http://docplayer.com.br/34273685-Suely-aparecida-de-souza-mendonca-a-representacao-da-mulher-paraguaia-em-contos-de-josefina-pla.html>> Acesso em: 15 set.2015.

ORTEGA, Eliana. *Mas alla de la ciudad letrada escritoras de nuestra américa*. *Cyber Humanitatis*, n.º 22 (otoño 2002). Disponível em:

<http://web.uchile.cl/vignette/cyberhumanitatis/CDA/vida_sub_simple3/0,1250,PRID%253D2124%2526SCID%253D2126%2526ISID%253D165,00.html> Acesso em: 15 set. 2017.

ORTEGA, Eliana. *Mas alla de la ciudad letrada escritoras de nuestra américa*. 31. ed. Santiago. Isis Internacional. 2001. Versão digitalizada. Disponível em:

< <http://www.bdigital.unal.edu.co/45780/1/Masalladelaciudadletrada.pdf>> Acesso em: 15 set. 2017.

PLÁ, Josefina. *Cuentos completos I,II*. Asunción: Servilibro, 2014.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero patriarcado violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abrão, 2015.

Recebido em 27/09/2017

Aceito em 02/11/2017.